

#### Serviço Público Federal Ministério da Educação Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



# CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA CAMPUS DE AQUIDAUANA

GIOVANA VITORIA SPARRENBERGER

A ESCOLA INDÍGENA POLO "GENERAL RONDON" E O PÓS-GUERRA DO PARAGUAI/GUERRA GUASU NO SUL DA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO

# CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA CAMPUS DE AQUIDAUANA

#### GIOVANA VITORIA SPARRENBERGER

# A ESCOLA INDÍGENA POLO "GENERAL RONDON" E O PÓS-GUERRA DO PARAGUAI/GUERRA GUASU NO SUL DA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.(a). Dr.(a). Ana Paula Squinelo.

#### BANCA EXAMINADORA

	Orientadora: Prof. Dr. Ana Paula Squinelo
Universidade Fe	ederal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPAQ, Aquidauana/MS
Examina	adora Externa: Profa. Dra. Sandra Nara da Silva Novais
	Universidade Federal de Jataí (UFJ)

#### **AGRADECIMENTOS**

De repente, a escrita, que sempre me veio de forma despretensiosa, falha ao me deparar com a necessidade de escrever estes agradecimentos. São tantos sentimentos e tanto amor que mal cabem em palavras, tornando difícil citar todos os que merecem minha gratidão.

Dedico este trabalho à minha família: Dulce, Robson, Silvia, Sofia e Elias (*in memoriam*). Obrigada por, mesmo sem saber, nunca me deixarem desistir — nem da graduação, nem da vida. Tudo o que sou e conquisto é por vocês e para vocês.

Dedico também a mim mesma, por não ter desistido, mesmo quando tudo parecia impossível.

À minha mãe, que me ensinou a contar nos dedos; ao meu tio, que me ensinou a fazer contas de cabeça; e à minha família e amigos, que sempre estão ao meu lado e em quem posso contar em todos os momentos.

Dedico este trabalho também a todas as pessoas cujos sonhos foram adiados pela falta de acesso à educação, um direito que deveria ser universal. A única diferença entre a minha jornada acadêmica e a delas foi a oportunidade.

Assim, "quando me perguntarem o que faço, direi que sou professora, mas isso não é o que faço, é o que sou".

Às minhas amigas, que, com sua amizade, foram fuga, acolhimento e lar: Aline, Celeide e Marcela. Amo vocês com a alma e com a eternidade do nosso laço.

Aos amigos que a graduação me deu: João e Gabi. Obrigada por toda a ajuda nessa caminhada.

Dedico também à minha cachorrinha Lolita, minha amiga de quatro patas, minha confidente silenciosa e minha parceira para todas as horas. Você me ensinou o verdadeiro significado de lealdade e foi essencial para me salvar da minha própria escuridão.

À uma pessoa que foi essencial, me amparando nos momentos mais difíceis, auxiliando nos desafios acadêmicos e sendo uma presença constante de força e calma: Karina. Obrigada, do fundo do coração.

Por fim, agradeço aos professores que iluminaram minha trajetória acadêmica: Vera, Iara, João e Miguel. Vocês deixam uma marca indelével em meu coração. Em especial, agradeço à minha orientadora, Ana Paula Squinelo. Obrigada por cada palavra de incentivo,

por cada gesto de apoio, por olhar para mim com empatia, indo além do trabalho acadêmico e oferecendo sempre um afago à minha alma. Cada aprendizado com você foi um presente.

Finalizo com um pensamento que norteou muitos dos meus dias: "A vida... o que ela quer da gente é coragem." — Guimarães Rosa

#### **RESUMO**

A Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, se firma como um conflito armado significativo que ocorreu entre 1864 e 1870, envolvendo Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil. Tal conflito teve como uma de suas principais causas o processo de formação das nações platinas no final do século XIX. O presente trabalho investiga os impactos dessa guerra sobre os grupos escolares existentes no sul da Província de Mato Grosso durante o período da guerra, com foco especial na primeira escola indígena Polo "General Rondon", situada na Aldeia Bananal, atual estado de Mato Grosso do Sul. Com base nessa proposta inicial, será realizada uma análise das trajetórias pessoais dos professores e professoras de História na aldeia indígena Polo General Rondon. O intuito é explorar maneiras de abordar o ensino e a aprendizagem da Guerra do Paraguai no contexto das aldeias. O estudo realiza uma análise detalhada do funcionamento do processo de ensino-aprendizagem nas escolas da região durante a guerra. Utiliza-se uma abordagem histórica e crítica para examinar o impacto da guerra na continuidade das atividades escolares e para desconstruir a visão de que a região foi completamente devastada e paralisada pelo conflito. A pesquisa inclui a revisão de documentos históricos e relatos sobre a atuação das instituições educacionais e dos indivíduos envolvidos durante esse contexto. A pesquisa é reforçada através das visitas realizadas à aldeia e das entrevistas orais conduzidas com a diretora, permitindo uma análise mais detalhada e contextualizada do tema investigado. No segundo momento, a pesquisa avança concentrando-se em aspectos específicos. A nova investigação, inclui um estudo detalhado da trajetória dos professores nas aldeias, bem como uma análise aprofundada sobre como a Guerra do Paraguai é estudada e compreendida nas comunidades indígenas. Esse enfoque permitirá uma compreensão mais ampla acerca do impacto e da abordagem educacional desse evento histórico nas diferentes culturas.

#### **ABSTRACT**

The Paraguayan War/Guasu War is a significant armed conflict that occurred between 1864 and 1870, involving Paraguay, Argentina, Uruguay and Brazil. One of the main causes of this conflict was the formation of the Platine nations at the end of the 19th century. This paper investigates the impacts of this war on school groups in the south of the Province of Mato Grosso during the war period, with a special focus on the first indigenous school Polo "General Rondon", located in Aldeia Bananal, in the current state of Mato Grosso do Sul. Based on this initial proposal, an analysis of the personal trajectories of history teachers in the indigenous village Polo General Rondon will be carried out. The aim is to explore ways of approaching the teaching and learning of the Paraguayan War in the context of the villages. The study carries out a detailed analysis of the functioning of the teaching-learning process in the schools of the region during the war. A historical and critical approach is used to examine the impact of the war on the continuity of school activities and to deconstruct the view that the region was completely devastated and paralyzed by the conflict. The research includes the review of historical documents and reports on the actions of educational institutions and individuals involved during this context. The research is reinforced through visits to the village and oral interviews conducted with the principal, allowing for a more detailed and contextualized analysis of the topic under investigation. In the second phase, the research advances by focusing on specific aspects. The new research includes a detailed study of the trajectory of teachers in the villages, as well as an in-depth analysis of how the Paraguayan War is studied and understood in indigenous communities. This approach will allow for a broader understanding of the impact and educational approach of this historical event in different cultures.

## Sumário

Introdução	09
Capítulo 1 – A Guerra do Paraguai/Guerra Guasu no sul da provínc	cia do antigo Mato
Grosso	10
Interesses das nações envolvidas	16
Correntes historiográficas	17
Capítulo 2 – A expansão da educação em Mato Grosso	21
Educação após guerra	23
Capítulo 3 – A Trajetória de Ensino na Aldeia Bananal: escola indí	gena polo General
Rondon	25
História de vida dos professores de história na escola indígo	ena polo General
Rondon	28
Considerações finais	31
Referências Bibliográficas	32

#### Lista de Imagens

- Imagem 1. Primeiros Movimentos do Exército Paraguaio
- Imagem 2. Placa reforma/restauração da Escola Municipal General Rondon
- Imagem 3. Posto Indígena da FUNAI
- Imagem 4. Posto Indígena da FUNAI
- Imagem 5. Prédio da escola General Rondon
- Imagem 6. Atual fachada da Escola General Rondon
- Imagem 7. Atual fachada da Escola General Rondon

#### INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se a pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso/TCC em História, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS. A Guerra do Paraguai/Guerra Guasu ocorrida entre 1864 e 1870, não apenas se remete aos contornos políticos, mas também há grandes impactos sociais e consequentemente educacionais. Visto isso, esse trabalho tem por objetivo investigar como tal conflito influenciou os grupos escolares no Sul da Província de Mato Grosso, com um foco a Escola Indígena Polo "General Rondon", localizada na Aldeia Bananal, atual Mato Grosso do Sul. Com a análise, buscou-se compreender como a educação se manteve em funcionamento durante um período de grandes desafios e turbulências. Por meio de uma abordagem histórica e crítica, esse estudo mostra a resiliência das instituições educacionais, desafiando a ideia de total devastação imposta pela Guerra. A pesquisa combina a revisão de documentos históricos, bem como artigos relacionados com o tema e entrevistas. Dessa maneira, pretende oferecer uma visão mais ampla e contextualizada sobre a continuidade do ensino e a forma como a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu é compreendida nas comunidades indígenas, destacando a importância da educação como um meio de resistência e preservação cultural, mesmo em tempos de crise.

Leslie Bethell (1995, p.24) afirmava que "a Guerra do Paraguai aguarda seu historiador da Era Moderna" para que seja possível construir a nova história geral da Guerra. Partindo desse pressuposto, é válido pontuar que a nova história acerca da Guerra vem sendo construída e conta com importantes referências no que tange a pesquisas e pesquisadores. O esforço de investigadores de diversas áreas de saber, novos documentos e até mesmo a releitura de documentos já existentes trazem à tona novas interpretações sobre as causas da Guerra do Paraguai, bem como trazem também à tona problemáticas e sujeitos ignorados e/ou silenciados ou pouco explorados pela historiografia oficial, neste caso em especial, a Educação no Sul da Província de Mato Grosso.

## CAPÍTULO 1 – A Guerra do Paraguai/Guerra Guasu no sul da província do antigo Mato Grosso

A Guerra do Paraguai, também conhecida como Guerra Guasu, foi um dos eventos cruciais e marcantes da história da América do Sul, envolvendo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai em um conflito que se estendeu entre 1864 e 1870. A Guerra se motiva por disputas territoriais, tensões políticas e econômicas, além de interesses estratégicos na região do Prata. Em seu desenrolar, o confronto causou perdas humanas e materiais incalculáveis, com consequências que redefiniram as relações entre os países envolvidos e moldaram as dinâmicas políticas e sociais na América do Sul. No caso específico da província de Mato Grosso, sua ocupação pelas tropas paraguaias revelou não apenas as fragilidades estruturais do Brasil na defesa de suas fronteiras, mas também a relevância estratégica desse território para o desenvolvimento do conflito. Nesse contexto, este capítulo explora os fatores que culminaram na invasão paraguaia, os impactos dessa ocupação para a região e os desdobramentos mais amplos desse episódio no âmbito da Guerra do Paraguai.

Para Marin e Squinelo (2019, p.76), "a ocupação e o povoamento no sul de Mato Grosso eram estratégicos, no sentido de incorporarem aquelas terras às possessões portuguesas e, posteriormente, ao Brasil." Dizer que houve um vencedor é de certa forma um grande equívoco, já que se trata de um contexto em que cidades são devastadas, pessoas, economias e culturas. Marcada por ser um conflito sangrento de longos anos, consequentemente, grande é o número de mortos totalizados ao final da Guerra, como afirma Francisco Doratioto (2002):

O Brasil enviou para a guerra cerca de 139 mil homens, dos quais 50 mil morreram. Destes, a maior parte não pareceu em combate, mas, sim, devido a doenças e aos rigores do clima. Entre os aliados, o Uruguai enviou por volta de 5500 soldados, dos quais, no final da guerra, restavam quinhentos; os demais morreram em combate, de doenças ou desertaram. As tropas argentinas sofreram perdas em torno de 18 mil homens, entre mortos e feridos, dos pouco menos de 30 mil soldados que a Argentina enviou ao Paraguai. (DORATIOTO, 2002, p.483).

.

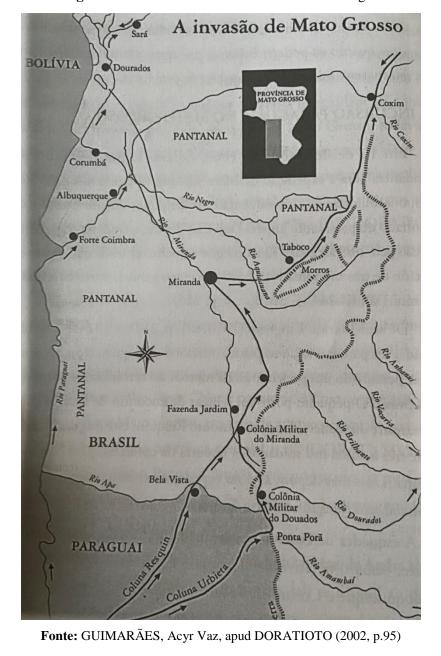
<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> No Brasil, segundo Dockhorn (2020), tal conflito é conhecido como Guerra do Paraguai, na Argentina e Uruguai se denominam por Guerra da Tríplice Aliança e no Paraguai são intitulados de Guerra Grande, Guerra Guasu e Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Nesse viés, são incontestáveis as grandes consequências desse conflito de formas desastrosas para todos os envolvidos, ressaltando o fato de o Paraguai ter sido prejudicado de maneira discrepante em diversos aspectos pela guerra, como afirma Carlos Guilherme Mota (1995):

Para o Paraguai (e contra o Paraguai), a guerra articulou as forças do Império brasileiro, da Argentina e do Uruguai. Um acordo secreto entre o Brasil e a Argentina previa a distribuição de territórios em litígio que correspondiam a mais da metade do Paraguai. O surpreendente foi a reação heroica da população paraguaia. Em cinco anos de Guerra, perdeu-se quase todo seu contingente masculino. (MOTA, 1995, p. 246).

Mato Grosso representava uma zona de expansão, ou seja, uma "extensão da população não inserida na fronteira econômica". A partir de 1830, indivíduos que possuíam terras e escravos originários de Cuiabá, Minas Gerais e São Paulo começaram a ocupar as terras ao longo dos rios Aquidauana, Miranda, Negro, Nioaque, Peixe, Salobra, Taboco e Taquari. De acordo com Almeida, essas propriedades variavam em tamanho (a maioria não estava oficialmente delimitada e registrada), e seus proprietários, apoiados por escravos africanos e mão de obra indígena, subsistiam através da criação de animais, cultivo de plantações para consumo próprio e cultivo de pomares, possuindo então atividades econômicas diversificadas que justificam a pecuária como papel predominante no processo de ocupação. Na época da Guerra do Paraguai, a província de Mato Grosso era uma vasta região que englobava os territórios correspondentes aos estados atuais de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia.

Na segunda metade do século XIX, a província já contava com diversos locais colonizados pelos portugueses e seus descendentes, no entanto, algumas áreas, especialmente na porção sul, ainda estavam em processo recente de colonização.



**Imagem 1:** Primeiros Movimentos do Exército Paraguaio

Thomas Whigham (2010, v.1, p.210) afirma que Mato Grosso era habitado por uma pequena população de menos de sessenta e cinco mil habitantes, dos quais vinte e quatro mil eram indígenas e seis mil eram escravos.

Foram formuladas diversas teorias para explicar essa situação, e uma delas sugere que López, ciente da presença de um considerável arsenal de guerra e de um grande rebanho bovino na província, teria planejado um ataque rápido com o objetivo de capturar esses recursos e utilizá-los em sua campanha militar no Uruguai. Essa explicação defendida por Whigham

(2010), Maestri (2015) e Jardim (2015), imaginava que tal ação deveria durou apenas poucas semanas.

No final de 1864, de acordo com Whigham (2010, v. 1, p. 210), a província dispunha de 4 mil homens armados, mas que não significavam um grande número, pois muitos estavam deslocados mais ao norte, através do rio Cuiabá e de forma geral também não possuíam treinamentos.

Nesse sentido, é válido levantar a questão de que o Mato Grosso mão estava esperando para um enfrentamento militar e tão pouco esperava que aconteceria. Em contrapartida, Maestri indaga sobre o material bélico que existia na província, deduzindo que o Império estaria se preparando para um conflito. Ainda pontuou que as tropas provinciais não eram poucas e esperava-se a invasão, era composta por:

[...] 170 oficiais e uns 5.700 praças, 4.600 no serviço ativo e 1.100 na reserva. A tropa de primeira linha era de 1.415 soldados. Portanto, mais de seis mil soldados! [...] 150 marinheiros e aprendizes, possuía seis vapores -Anhamgabay, Paraná, Jaurú, Corumbá, Alpha, Paraná - e o lanchão Constituição. Pequenos barcos podiam ser artilhados. (MAESTRI, 2015, p. 108). Em 24 de dezembro de 1864, Solano López ordenou a ocupação de Mato Grosso, ficou encarregado o coronel Francisco Isidoro Resquín para comandar a ação sobre o território mato-grossense. Ele se despediu de seus soldados com um discurso no qual afirmou que o objetivo da guerra era proteger a soberania nacional. Ele também tentou incentivar o patriotismo entre os militares, orientando-os sobre o que precisava ser feito: Soldados: Mis esfuerzos para el mantenimiento de la paz han sido estériles. El Imperio del Brasil, poco conocedor de vuestro valor y entusiasmo, os provoca a la guerra: la honra, la dignidad nacional y la conservación de los más caros derechos nos mandan aceptarla. En recompensa de vuestra lealtad y largos servicios he fijado la atención em vosotros, eligiéndoos entrelas numerosas legiones que forman el Ejército de la República para que seáis los primeiros en dar una prueba de la pujanza de nuestras armas, recogiendo el primer laurel, que debemos agregar a aquellos que nuestros mayores pusieron en la corona de la patria em las memorables jornadas de Paraguarí y Tacuarí. Vuestras subordinación y disciplina y vuestras constância en las fatigas me responden de vuestra bravura y dellustre de las armas que a vuestro valor confio.Soldados y marinos:Llevad este mismo voto de confianza a vuestros compañeros que en nuestras fronteras del norte han de unirse a vosostros y marchad serenos hacial el campo del honor y, recogiendo gloria para la patria y honra para vosotros y vuetros compañeros de armas, mostrad al mundo enterro quanto vale el soldado paraguayo.

Dadas as ações de Solano López, em 1º de maio de 1865, Brasil, Argentina e Uruguai assinaram o Tratado da Tríplice Aliança. Este tratado tinha como objetivo legitimar o conflito com o Paraguai, visando assimilá-lo ao sistema político-econômico predominante na região do Rio da Prata. Os países aliados planejavam depor Solano López, assegurar a livre navegação

dos rios na bacia Platina e também buscavam a anexação das terras em disputa aos seus próprios territórios.

Ao início da Guerra, em meados de 1864, a província de Mato Grosso, segundo Doratioto era:

[...] habitada por aproximadamente 75 mil pessoas [e] encontrava-se no momento de maior fraqueza militar, ao dispor de apenas 875 efetivos do Exército, quando seu número deveria ser de 3879, e a Guarda Nacional não alcançar3 mil homens. (DORATIOTO, 2002, p. 98)

O que agravou ainda mais essa situação se deu pela a falta de estratégias para defender as fronteiras e o descaso do governo imperial que não dispunha de equipamentos bélicos, o que deixou a província extremamente desprotegida a tornando um alvo fácil.

O presidente da província de Mato Grosso, Alexandre Manoel Albino de Carvalho, não via uma ameaça vinda do Paraguai. Em seu discurso na assembleia legislativa, durante a sessão ordinária de 3 de maio de 1864, sob o tópico "Tranquilidade Pública", ele argumentou que as relações na fronteira eram estáveis e pacíficas, pois "[n]em uma alteração houve nas relações pacificas subsistentes entre nós e as Repúblicas limítrofes do Paraguay e de Bolívia".

A intervenção militar do Brasil no Uruguai, em apoio a Venâncio Flores, em 12 de setembro de 1864, desencadeou a declaração de guerra por parte de Solano López contra o Brasil. Ele acreditava que poderia contar com o respaldo do governo uruguaio, ainda controlado pelo partido Blanco, bem como das províncias de Entre Ríos e Corrientes, na Argentina. Acreditava que, ao formar uma aliança com o Paraguai, conseguiria forçar Bartolomé Mitre, líder da Argentina, a permanecer neutro. Entretanto o Uruguai foi colocado sob a influência brasileira de forma rápida, e negaram a permissão para a passagem das tropas paraguaias pelo território argentino, levando à declaração de guerra contra a Argentina, com a invasão e ocupação subsequente das províncias de Corrientes e, depois, do Brasil.

López emitiu a ordem de aprisionamento do navio Marquês de Olinda, que operava o transporte entre Montevidéu e Corumbá. A bordo, encontrava-se o recém-nomeado presidente da província de Mato Grosso, o coronel Frederico Carneiro de Campos, acompanhado por sua comitiva e carregando não apenas dinheiro, mas também despachos governamentais importantes. Após passar pelos procedimentos de inspeção alfandegária em Humaitá, o navio foi inicialmente liberado, mas foi forçado a seguir em marcha lenta.

No final da tarde de 12 de novembro de 1864, o navio de guerra paraguaio Taquari recebeu ordens para aprisioná-lo, o que ocorreu em Potrero-Poña, ao sul de Concepción, a cerca

de 66 quilômetros de Assunção. Após aprisionado, os passageiros foram presos e tidos como prisioneiros de guerra e a embarcação se tornou parte da frota paraguaia.

Treze dias após o aprisionamento do navio Marquês de Olinda, as forças paraguaias lançaram várias ofensivas contra o Brasil, resultando na ocupação de diversas regiões da província de Mato Grosso. Essas operações foram conduzidas pelo coronel Vicente Barrios, através de ações fluviais, e pelo coronel Francisco Isidoro Resquín, através de ações terrestres. As primeiras investidas resultaram na captura do Forte Coimbra, da Colônia Militar de Dourados e da vila de Miranda, em dezembro de 1864, seguidas pela ocupação da vila de Corumbá, em janeiro de 1865.

Raul Silveira de Melo (1958) tinha a ideia de que a ocupação parece ter sido bem planejada, pois foi precedida pelo envio de vários espiões que coletaram informações estratégicas importantes para a organização da ofensiva. Esse trabalho de inteligência desempenhou um papel crucial na preparação das forças paraguaias para suas ações na província de Mato Grosso.

Tal ocupação realizada por Solano López ficou conhecida como a "guerra relâmpago"; e teve como foco a invasão da província de Mato Grosso por duas frentes: uma fluvial, composta por aproximadamente 4.200 homens, e outra terrestre, com cerca de 3.500 combatentes. Essas forças partiram, respectivamente, de Assunção e Concepción, nos dias 22 e 24 de dezembro, com o objetivo de invadir Mato Grosso.

A frente fluvial, sob o comando do coronel Vicente Barrios, navegou pelo rio Paraguai, passando por Concepção, Porto Murtinho, Forte de Coimbra, Albuquerque, Corumbá e chegando às proximidades de Cuiabá. A coluna terrestre, liderada pelo coronel Isidoro Resquín, percorreu diferentes trechos em certos locais antes de se reunir: o comandante capitão Martin Urbieta passou pela Colônia Militar do Miranda, Nioaque e chegou a Miranda; o Capitão Aguero, por sua vez, seguiu o caminho passando por Miranda, Taboco e chegando a Coxim, em 1865. Essa estratégia coordenada permitiu que as forças paraguaias avançassem rapidamente na província de Mato Grosso.

Foram formuladas diversas teorias para explicar essa situação, e uma delas sugere que López, ciente da presença de um considerável arsenal de guerra e de um grande rebanho bovino na província, teria planejado um ataque rápido com o objetivo de capturar esses recursos e utilizá-los em sua campanha militar no Uruguai. Essa explicação defendida por Whigham (2010), Maestri (2015) e Jardim (2015), imaginava que tal ação deveria durou apenas poucas semanas.

No final de 1864, de acordo com Whigham (2010, v. 1, p. 210), a província dispunha de 4 mil homens armados, mas que não significavam um grande número, pois muitos estavam deslocados mais ao norte, através do rio Cuiabá e de forma geral também não possuíam treinamentos.

Nesse sentido, é válido levantar a questão de que o Mato Grosso mão estava esperando para um enfrentamento militar e tão pouco esperava que aconteceria. Em contrapartida, Maestri indaga sobre o material bélico que existia na província, deduzindo que o Império estaria se preparando para um conflito. Evidenciando que as tropas provinciais tinham um número favorável de integrantes e a invasão era esperada.

#### INTERESSES DAS NAÇÕES ENVOLVIDAS

Cada nação possuía seus interesses econômicos e políticos, todos buscavam defendêlos, o que ocasionou o choque entre o Paraguai e Brasil, Argentina e Uruguai. Então Doratioto afirma que a Guerra não era a única saída, mas parecia uma rápida opção para que os envolvidos alcançassem seus objetivos, como pode se entender no trecho a seguir:

A guerra era vista por diferentes ópticas: para Solano López era a oportunidade de colocar o seu país como potência regional e ter acesso ao mar pelo porto de montevidéu, graças a uma aliança com os blancos uruguaias e os federalistas argentinos, representados por urquiza; para Bartolomé Mitre era a forma de consolidar o estado centralizado argentino, eliminando os apoios externos aos federalistas, proporcionado pelos blancos e por Solano López; Para os blancos, o apoio militar paraguaio contra argentinos e brasileiros viabiliza impedir que seus dois vizinhos continuassem a intervir no Uruguai; Para o império, a Guerra contra o Paraguai não era esperada, nem desejada, mas iniciada, pensou-se que a vitória brasileira seria rápida e poria fim ao litígio fronteiriço entre os dois países e as ameaças à livre navegação, e permitiria depor Solano López. (DORATIOTO, 2002, p.93).

A Guerra do Paraguai/Guerra Guasu toma poder por uma complexa rede de interesses políticos, econômicos e territoriais que envolveram as principais nações da Bacia do Prata. Os países buscavam afirmar sua soberania e consolidar seus projetos nacionais em um cenário de disputas históricas e rivalidades regionais. O Paraguai, liderado por Solano López, buscava assegurar acesso estratégico ao comércio marítimo e se instalar como uma potência regional, enquanto o Brasil, a Argentina e o Uruguai buscavam defender seus interesses geopolíticos, eliminar ameaças às suas fronteiras e consolidar sistemas políticos em transformação. Esse emaranhado de ambições criou um contexto onde o conflito armado, mesmo evitável, foi uma solução imediata para questões de longo prazo. A Guerra, portanto, não foi apenas um confronto militar, mas também a expressão de disputas pela hegemonia na América do Sul, em que cada

nação enxergava no confronto a oportunidade de alcançar seus objetivos estratégicos, ainda que a um alto custo, devastando vidas e também a região.

#### CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS

Squinelo (2021) destaca que o estudo e o ensino da Guerra do Paraguai perpassam pela compreensão das diferentes narrativas desse episódio, resultantes dos distintos contextos históricos, políticos e ideológicos, bem como dos diferentes sujeitos envolvidos na construção do seu conhecimento, dessa maneira serão analisadas três correntes historiográficas da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. Sendo elas memorialístico-militar-patriótico, Revisionista e Historiográfica.

Após o término da Guerra, muitos memorialistas, sejam militares ou não, elaboraram suas próprias interpretações desse passado histórico recente. No ponto de vista de Acyr Guimarães e Hidelbrando Campestrini (2002), memorialistas sul-mato-grossenses, ao trabalharem o episódio da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu como um dos acontecimentos centrais na elaboração de suas narrativas criaram imagens em relação ao Antigo Mato Grosso onde se deu o conflito, colocam a comunidade como um lugar que ficou completamente arrasado, destruído e abandonado após a ocupação e conflito com os Paraguaios.

A primeira fase denominada de memorialístico-militar-patriótico, é explicada por Squinelo (2015), como uma historiografia marcada por obras escritas por autores que foram protagonistas, possuindo uma visão unilateral dos fatos, colocando os militares brasileiros como grandes heróis que lutaram em função de sua nação. Essa fase se estende desde o começo da Guerra até a década de 1960, de forma mais pessoal, militares tomados pelo espírito patriótico acerca do contexto histórico que viveram, relatam o conflito como um combate justo e heroico, colocando o Paraguai como o único culpado pela guerra.

Visconde de Taunay, ou Alfredo d'Escragnolle Taunay é um dos autores que são referências à questão desse aspecto. De acordo com Marin e Squinelo, Taunay:

[...] foi promovido a segundo-tenente de artilharia e, quando a Guerra do Paraguai eclodiu na bacia Platina, Taunay contava, apenas, com 21 anos. Apesar de sua pouca idade, incorporou-se ao exército brasileiro como engenheiro militar, fazendo parte da Coluna Expedicionária que, partindo de São Paulo, tinha como objetivo alcançar a fronteira com o Paraguai e expulsar as tropas guaranis do sul da província de Mato Grosso. (Marin e Squinelo (2018, p. 122)

Embora Taunay não tivesse pretensão de participar ativamente na Guerra, esta não era uma opção, vindo de uma família tradicional já ligada a guerras foi obrigado a ir, visto que a carreira militar estava ligada à honra e a um bom status.

Taunay (1868) em sua obra intitulada A Retirada da Laguna, escrita com intenção documental, discorre acerca do ataque pelo Norte e da retirada do Exército Brasileiro. Parte da tropa sai do Rio de Janeiro e a pé, passa por Cuiabá e Uberaba recrutando soldados, pois não haviam veículos automotores na época, o que haviam eram carros de boi que mais se assemelha com o que chamamos de 'carroça' atualmente, esses carros de boi auxiliavam no transporte de máquinas mais pesadas, como os canhões. Durante esse caminho muitos soldados iam perecendo e não chegavam nem mesmo a disparar uma bala sequer.

A figura das mulheres se faz presente juntamente às crianças que saiam acompanhando esses soldados, as dificuldades eram inúmeras, inclusive muitas mulheres morriam de fome pois a prioridade dos alimentos era para os soldados.

Os indígenas Guaicurus e Terenas se juntaram às tropas e eram a maioria entre os soldados brancos, mas até então não eram lembrados nos relatos oficiais, firmando a ideia de que:

[...] Os lugares da memória são bem-delineados, e sugerem que na história dos vencedores, nas ruas das cidades, só há espaço para nomes como Cerro Corá, Paisandu, Humaitá, Riachuelo e os nem sempre bem preparados Voluntários da Prata. Nomes sonoros, muitos indígenas, mas que curiosamente não permitem enxergar o substrato guarani que animava um exército de 64.000 homens. [...] (MOTA, 1995, p.247).

Quando chegam a Miranda (Mato Grosso do Sul) se deparam com dificuldades, não havia alimento, não havia munição e nem remédios. Foram pegos desprevenidos às condições do pantanal, os cavalos desfaleceram e ali foram pegos pela cheia dos rios e as epidemias. O coronel que comandava a expedição, mesmo sem saber quantos forts existiam naquela região e tampouco o número de soldados paraguaios, decide atacar a fazenda do então presidente Solano López denominada Laguna, sendo o primeiro e último ataque da expedição brasileira.

Portanto, se pontua nesse artigo a questão do livro todo se tratar de relatos pessoais como uma espécie de diário dos acontecimentos, relatando a fuga do exército brasileiro sendo destruído pelo exército paraguaio, pelas epidemias e também pelo clima.

O segundo momento foi intitulado de revisionista, estendeu-se às décadas de 1960 a 1980, nesse contexto o Paraguai se caracteriza como um local de grandes riquezas naturais e com grande propensão de desenvolvimento econômico, mas não se deixou convencer pela ambição capitalista inglesa, gerando um certo bloqueio para a Grã-Bretanha. Desse modo a Guerra é colocada como sido provocada por interesse dos ingleses para que o território

paraguaio fosse destruído e se apossasse da região e consequentemente dessas riquezas. Ao contrário da fase anterior colocando os militares em posições heroicas, nesse momento houveram fortes críticas a respeito do exército brasileiro, buscando denunciar as barbáries cometidas pelo mesmo na nação guarani e como isso os afetou. Pomer (1968), constrói um raciocínio de que foi a Inglaterra quem estimulou a guerra por fatores capitalistas, defende sua ideia na obra que se intitula La Guerra del Paraguay - Gran Negócio de 1980, colocando o Paraguai como um grande concorrente do capital por ter interesse na região platina para ampliar o mercado consumidor. Para Pomer:

Não é uma conclusão exagerada admitir que o grande e definitivo beneficiário da guerra é o capitalismo inglês, que não apenas reforça as cadeias douradas com quais submete o Brasil através de uma dívida que continua crescendo assustadoramente, como garante o livre acesso ao Mato Grosso e outras zonas do império, o que lhe garante novas possibilidades mercantis (POMER, 1980, p.75)

Sendo válido discorrer sobre que o conflito eclodiu por motivos econômicos, políticos e diplomáticos. Segundo Castanha, "havia uma ardosa luta perla abertura da navegação pelo rio Paraguai, através da Bacia do Prata. Este caminho encurtaria as distancias temporais dos centros decisórios do país. Era fundamental a abertura dessa rota fluvial, pois ela permitiria a inserção definitiva de Mato Grosso no mundo civilizado". (Castanha, p.7).

Por fim, a terceira fase historiográfica da guerra denomina-se neo revisionista. Teve início nos anos de 1980 e se mantém até a atualidade. Nesse momento ampliaram-se novas formas de se trabalhar com as fontes, objetos de estudo, trazendo novas perspectivas para o estudo sobre a Guerra do Paraguai. Segundo Squinelo e Dockhorn:

As novas pesquisas sobre o terceiro momento trouxeram um novo eixo explicativo para as causas do conflito, destacando tanto as contradições locais quanto às pendências na demarcação das fronteiras, as disputas pela navegação fluvial e as divergências políticas. Mas também contemplaram novos temas da Guerra, trazendo para a discussão os sujeitos que pouco eram abordados pela historiografia anterior. (SQUINELO; DOCKHORN, 2021)

Nesse viés, possuem novas contribuições que tratam de assuntos ligados à participação escrava, a formação do exército brasileiro e a participação das mulheres e ainda, abordagens por meio de imagens e também a produção e abastecimento dos campos de batalha. Esta é uma abordagem mais recente que busca combinar elementos das correntes já citadas anteriormente.

O neorrevisionismo procura uma análise mais equilibrada e abrangente da Guerra, considerando tanto os aspectos patrióticos quanto os interesses imperialistas. Reconhece que a Guerra foi influenciada por uma complexa rede de fatores políticos, econômicos e sociais, e procura entender as dinâmicas regionais e internacionais que moldaram o conflito. Estudos

como o de Moniz Bandeira, se destacam na premissa de distorcer a ideia presente da participação da Inglaterra no conflito, já que:

A Grã-Bretanha não possuía, entretanto, nenhum interesse específico tão grande, nem mesmo a procura de terra para o cultivo de algodão, que justificasse a preparação da guerra contra o Paraguai, mormente usando um país, como o Brasil, com o qual suas relações diplomáticas estavam rompidas desde 1863. (BANDEIRA, 1995, p.200)

O autor discorre para afirmar que não houve a menor pretensão de intervenção da Inglaterra na Guerra, tinham apenas esse interesse em comum pela navegação através da Bacia do Prata e seus territórios. Portanto, com essa abordagem neorrevisionista, surgiram novos temas e objetos de estudo trouxeram à luz sujeitos históricos anteriormente esquecidos ou negligenciados no contexto da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. Essa perspectiva permitiu uma ampliação das abordagens de pesquisa, com pesquisadores/as buscando ativamente esses sujeitos esquecidos, invisíveis, ocultados ou silenciados no conflito. Isso contribuiu significativamente para o avanço das distintas abordagens no estudo da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. Essa ótica possibilita a inclusão de vozes e experiências que estavam ausentes das narrativas históricas tradicionais. Os pesquisadores agora exploram temas como as mulheres, os indígenas, os soldados comuns e as vítimas da Guerra. Também investigam questões sociais, econômicas e culturais que moldaram o conflito e suas consequências. Essa abordagem mais inclusiva e abrangente enriquece o estudo acerca da Guerra do Paraguai, permitindo uma compreensão mais completa e precisa desse episódio histórico um tanto complexo. Além disso, destaca a importância de reconhecer e dar voz a todos os sujeitos históricos envolvidos, como é o caso do ensino e os indivíduos presentes ao sul da província de Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai.

#### CAPÍTULO 2 – A expansão da educação em Mato Grosso

O processo educacional no antigo Mato Grosso no século XIX, é marcado por desafios impostos pela ocupação paraguaia, evidenciando um cenário de transformações estruturais e a luta por uma formação docente que buscava superar as limitações da época, mesmo que em contextos desfavoráveis. Desse modo são incluídas questões acerca das escolas, alunos/as, professores/as, gestores/as, que foram afetados ou não durante a ocupação paraguaia, levando em consideração os impactos da ocupação paraguaia sobre a comunidade da antiga província de Mato Grosso. Laci Maria Araújo Alves (2011), retrata como se deu as mudanças ocorridas no setor educacional no Mato Grosso e no Brasil todo de forma geral e também a inserção da educação na até então província de Mato Grosso "Com a instituição do Subsídio Literário, imposto voltado para atender as despesas com instrução, iniciava, oficialmente, o ensino público em Mato Grosso. Em 1790 se tem registro da presença de professores, estudantes e mestres régios".

O Primeiro Império teve início em 1822, marcando o início de um período em que ocuuma significativa carência precisava ser enfrentada. Muitas tarefas aguardavam execução, mas, primeiramente, foi estabelecido um novo arcabouço legal para a educação no país. A urgência da situação educacional desempenhou um papel crucial nas primeiras ações tomadas em relação ao sistema de ensino. No dia 1º de março de 1823, no Rio de Janeiro, foi fundada uma "escola de primeiras letras" que adotou o inovador método de ensino mútuo, conhecido como método lancasteriano. O decreto que instituiu essa escola enalteceu o método, destacando sua capacidade de "desenvolver o intelecto com facilidade e precisão, preparando-o para a aquisição de ideias mais avançadas e complexas".

Nas primeiras iniciativas legais encontraram alguns obstáculos, Nunes (1984, p.38) fala um trecho: O artigo 250 da Constituição, discutido na Assembleia Constituinte, fugia a realidade brasileira ao determinar: "Haverá no Império escolas primárias em cada termo, ginásio cada comarca e universidade nos mais apropriados No entanto, a regulamentação da lei só veio com a Lei de 15 outubro de 1827, sendo essa a primeira e única lei geral relativa ao ensino primário durante o Império. Em seu Art. 4, a lei de 1827 determinava: "As escolas serão de ensino mútuo nas capitaes das províncias; e o serão também nas cidades, villas e lugares populosos dellas, em que for possível estabeleceremse". A escola normal, que surgiu no contexto educacional de Mato Grosso durante o século XIX, passou por períodos de progresso e retrocesso em sua jornada para se estabelecer como uma instituição dedicada à formação dos professores para o ensino primário. A maior parte desses professores era considerada leiga, pois não possuía uma formação específica na área de ensino. Xavier e Sá (2008), pontuam que as dificuldades financeiras e administrativas pelas quais a Província passava fizeram com que a Escola Normal não subsistisse no período Imperial. Contudo esses profissionais continuavam a exercer a profissão do modo como sabiam, de sorte que o processo de profissionalização docente sempre esteve na pauta das discussões políticas e administrativas da região.

De acordo com Villela (2003), a criação das escolas normais nas décadas de 30 e 40 do século XIX representou um marco importante no processo de formalização da profissão de professor:

[...] apesar do pioneirismo, durante todo o século XIX esse tipo de formação se caracterizaria por um ritmo alternado de avanços e retrocessos, de infindáveis reformas, criações e extinções de escolas normais. [...] A adesão dos professores a esse processo de estabilização não ocorre sem contradições. Se, de um lado, estão submetidos a um controle ideológico, de outro tem meios de produzir um discurso próprio e de se organizar como categoria profissional [...]. (VILLELA, 2003, p. 100-1).

Xavier e Sá (2006, p.124), são incisivos em pontuar a primeira Escola Normal brasileira, ela foi criada em Niterói, capital da província do Rio de Janeiro, em 1835, tinha o intuito de propiciar uma melhoria em termos quantitativos e qualitativos relativamente a formação dos profissionais da educação, visto que, naquele período, o número de professores era insuficiente e os que existiam não possuíam qualificação formal. Villela (2003, p.104), constata "uma sequência de atos de criação dessas escolas em vários pontos do país: Província de Minas Gerais (1835), Rio de Janeiro (1835), Bahia (1836), São Paulo (1846)". As primeiras tentativas de implementação das escolas normais no Brasil foram motivadas pelo desejo de equiparar o país às nações consideradas mais desenvolvidas e civilizadas:

[...] Assim, 'derramar a instrução por todas as classes' não significava que todas as classes deveriam chegar ao mesmo estágio de 'adiamento', mas, apenas que deveriam ascender, independentemente umas das outras, a estágios mais avançados da 'civilização'. Por trás de frases como essas, sonoras e de grande efeito retórico, não havia uma intenção de subverter a ordem estabelecida, mas, ao contrário, o propósito de unificar certos padrões sociais, difundindo o que aqueles homens denominavam uma 'moral universal'. (VILLELA, 2003, p. 103).

Para concretizar o que havia sido estabelecido legalmente, o Governo de Mato Grosso tomou a iniciativa de enviar o professor Joaquim Felicissimo de Almeida Louzada à província de Niterói, em 1838. O objetivo era que ele recebesse uma formação profissional adequada e,

ao retornar, assumisse a direção da Escola Normal em Cuiabá. Com sua volta, ocorreria a implantação da Escola Normal, no entanto, não obtiveram sucesso, mesmo sem contar com a administração de Louzada, a Escola Normal de Cuiabá foi instalada em 1840 e após quatro anos foi extinta pois não haviam professores suficientemente capacitados para o exercício do cargo. A formação da população era um elemento crucial nesses processos. Ela poderia estabelecer as bases necessárias para a estabilidade do Império, oferecendo aos cidadãos a oportunidade de se destacar da grande parcela de escravizados e superar o estado de atraso que predominava em grande parte da população, especialmente nas regiões mais distantes do território. Para Castanha:

"O papel esperado da escola e do professor seria o de encaminhar o "povo" para a civilização, fazendo com que este pudesse, aos poucos, assimilar os preceitos de uma sociedade ordenada. Reservava-se a instrução pública uma tarefa muito importante naquele projeto de construção de uma ordem e difusão da civilização". (CASTANHA, 2016, p. 16).

#### EDUCAÇÃO APÓS GUERRA

Após o término da Guerra, muitos memorialistas, sejam militares ou não, elaboraram suas próprias interpretações desse passado histórico recente. No ponto de vista de Acyr Guimarães e Hidelbrando Campestrini (2002), memorialistas sul-mato-grossenses, ao trabalharem o episódio da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu como um dos acontecimentos centrais na elaboração de suas narrativas criaram imagens em relação ao Antigo Mato Grosso onde se deu o conflito, colocam a comunidade como um lugar que ficou completamente arrasado, destruído e abandonado após a ocupação e conflito com os Paraguaios.

A partir do ponto de vista citado anteriormente, estudos como os de Marin e Squinelo (2022) argumentam o contrário do pensamento citado e demonstram que a região em questão continuou a viver seu cotidiano mesmo em meio a ocupação efetivada pelos paraguaios, desconstruindo essa ideia de que todas as atividades rotineiras naquela região foram afetadas e consequentemente paralisadas.

Grandes são as lacunas de saber quando falado sobre a Educação na Província de Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, há carência de fontes documentais que abordam com clareza e eficiência as condições em que se encontravam as escolas naquele

contexto. Para a estudiosa Laci Maria Araújo Alves os acontecimentos que envolveram Mato Grosso no contexto da Guerra do Paraguai/ Guerra Guasu provocaram:

[...] perdas consideráveis tanto em relação ao número de mortos quanto ao surto de varíola que assolou o Estado de Mato Grosso. Segundo Humberto Marcílio, em decorrência do surto de varíola, o Seminário da Conceição fora transformado em "enfermaria militar" deixando de oferecer aulas naquele período. Outros estabelecimentos também foram fechados devido ao elevado número de alunos atingidos por tal epidemia. (ALVES, 2011, p. 11).

Desse modo é visto que a educação no período do Império em contexto ainda da Independência do Brasil, tinha suas precariedades:

Por ocasião da Independência do Brasil, Mato Grosso contava ainda com um precário número de escolas de "primeiras letras" (em Cuiabá, Diamantino, Poconé e Vila Bela), aulas de Gramática Latina (em Cuiabá e Vila Bela) e algumas escolas particulares.

Portanto, nesse período não se tem outros registros de aulas em outros povoados do interior do Estado, ao fim da década de 1820 tem a criação de escolas primárias nas cidades de Cáceres, Poconé, Sanfona da Chapada, Rosário Oeste e Santo Antônio do Rio Abaixo.

Humberto Marcílio diz, que em decorrência do surto de varíola, o Seminário da Conceição fora transformado em enfermaria militar e deixou de oferecer aulas naquele período, o que também afetou a educação durante o contexto bélico da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. Alves (2011) pontua que outros estabelecimentos de ensino também foram fechados devido ao elevado número de alunos atingidos por tal epidemia.

Para Squinelo e Dockhorn (2021), a Guerra não se limitava apenas aos campos de batalha e não eram envolvidos somente os militares, a Guerra afetou diversos indivíduos e diversas esferas da sociedade.

## CAPÍTULO 3 – A Trajetória de Ensino na Aldeia Bananal: escola indígena polo General Rondon

A Escola Municipal Indígena Polo General Rondon, está localizada na Aldeia Bananal, Distrito de Taunay, a aproximadamente 70 km de distância de Aquidauana (Zona Rural), no atual Estado de Mato Grosso do Sul.A História da Educação Indígena em Mato Grosso do Sul: O Caso da Escola Municipal Indígena Polo General Rondon"

De acordo com o primeiro PPP com os relatos da comunidade no século 19 (1801-1900), a educação na aldeia era rudimentar e oferecida pelos não-índios.



Imagem 2: Placa reforma/restauração da Escola Municipal General Rondon

Fonte: arquivo pessoal

A placa conta um breve histórico da fundação da instituição, na mesma está escrito: "Inicialmente a escola General Rondon funcionou num galpão ao lado do atual Posto Indígena da FUNAI, tendo sido transferida posteriormente para uma sala de aula anexa à unidade escolar General Rondon na Aldeia Bananal. O prédio principal da escola foi construído em 1944 pelo SPI - Serviço de Proteção ao Índio, na gestão do prefeito Jorge Bodstein Filho. Em 1986, na gestão do prefeito Cristóvão Colombo de Albuquerque Filho a escola foi ampliada com a construção de uma unidade pré moldada com duas salas de aula, banheiros e depósito. Em janeiro de 1999 a PETROBRÁS construiu uma nova unidade anexa com duas salas de aula, como parte do acordo de utilização das terras indígenas pelo Gasoduto Bolívia-Brasil."

De acordo com uma placa histórica encontrada na entrada da instituição, em meados de 1900 até 1943 a Escola Polo General Rondon funcionava num galpão ao lado do atual Posto Indígena da FUNAI.

Abaixo estão duas imagens do Posto Indígena da FUNAI, a primeira fotografia é de 1900 até 1943 e a segunda foto é de como se encontra o local atualmente em 2023. Atualmente o posto se encontra inutilizado, sendo apenas mantido e preservado como uma construção importante para a história local.



Imagem 3: Posto Indígena da FUNAI

Fonte: Arquivo do Professor Me. Paulo Baltazar.



Imagem 4: Posto Indígena da FUNAI

Fonte: Arquivo pessoal.

Hoje o antigo posto da FUNAI encontra-se desativado e mantém-se preservado apenas como parte de uma memória histórica para a população.

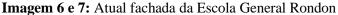
Os anos se passaram e as aulas começaram a ser ofertadas já na nova instalação, onde era a princípio uma enfermaria e posteriormente tornou-se sala de aula. Através do Decreto Municipal N°. 247 de 11/03/1911 deu-se o ato de criação denominando essa unidade como Núcleo Escolar "General Rondon", De acordo com o PPP da escola, somente em 1944 o atual prédio que instala a instituição foi construído, era um local pequeno que contava com duas salas de aula, uma secretaria e dois banheiros.



**Imagem 5:** Prédio da escola General Rondon

Fonte: Arquivo do Professor Me. Paulo Baltazar. (2012).







Fonte: Arquivo pessoal

Visitando a instituição e suas instalações foram buscados registros que fornecessem informações completas acerca dos alunos e professores, indivíduos que pudessem ter frequentado a instituição durante esse cenário de guerra, não há a presença de quaisquer documentos que evidenciem essa trajetória durante a guerra, muito se perdeu com as mudanças e consequentemente não houveram a preservação dos materiais.

Em uma conversa com a atual diretora Nilza Leite Antônio, ela relatou ter organizado todas as documentações ainda existentes e ainda se colocou à disposição para ajudar no que fosse possível. mas que não há no local registros tão antigos para serem aqui inseridos. Ainda se pontua a questão de a instituição na época possuir uma educação rudimentar oferecida pelos não-indígenas, o que prejudica também na construção de uma história oral contada pelos anciões.

# HISTÓRIA DE VIDA DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA NA ESCOLA INDÍGENA POLO GENERAL RONDON

A pesquisa, que busca compreender as implicações históricas da Guerra do Paraguai na região, se faz necessária avançar ao focar na trajetória de vida e na prática pedagógica dos professores de História, especialmente na Escola Municipal Indígena Polo General Rondon, que ja fora estudada anteriormente.

Para que o estudo fosse possível, contamos com a colaboração da professora Seila Souza Coelho, que aceitou gentilmente compartilhar sua experiência e visão sobre o ensino da História na instituição, bem como a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu.

Nascida e criada na Aldeia Bananal, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Seila tem 44 e é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Sua escolha pela área de História surge de sua afinidade pelo tema e pela vocação para o magistério. Desde cedo, se interessa por compreender o passado e as suas implicações no presente, além de sentir-se realizada em poder compartilhar seu conhecimento com os outros. "Sempre achei a História interessante, ainda criança eu sentia que seria professora. Acredito que a minha vocação me fez escolher essa faculdade, e ao longo do curso, percebi que ensinar História era mesmo o que queria", disse Seila, mostrando o quanto sua profissão é ligada ao desejo de transmitir conhecimento e transformar a vida dos alunos através da educação.

Sua trajetória como educadora começou há nove anos, quando passou a lecionar no Ensino Médio na Escola Estadual Indígena Professor Domingos Veríssimo Marcos HIHIN. Hoje, Seila leciona na Escola Municipal Indígena Polo General Rondon, atuando como professora de História para as turmas do sétimo, oitavo e nono ano do Ensino Fundamental. Começou no âmbito educacional também exercendo funções administrativas, como auxiliar na secretaria da escola, o que lhe proporcionou uma visão mais ampla do funcionamento da instituição, e também dos documentos que foram preservados ao longo dos anos

Durante nossa entrevista, abordamos o trabalho da professora Seila com o ensino de História, especialmente o tema da Guerra do Paraguai, do que trata este trabalho. Um episódio fundamental na história do Brasil e da região. Para ela, ensinar sobre esse conflito exige um cuidado especial, pois trata-se de um tema que envolve não apenas aspectos históricos, mas também culturais e sociais, com implicações para a memória da comunidade.

A Guerra do Paraguai é trabalhada pela professora Seila de maneira diferenciada nas três turmas em que dá aula, levando em consideração as idades e o nível de conhecimento dos alunos. Ela diz ser um desafio adaptar o conteúdo sobre a guerra para alunos, pois cada turma tem um nível diferente de compreensão e, por isso, procura contextualizar os fatos de maneira que eles consigam entender a importância desse episódio, tanto para o Brasil quanto para a nossa região, explica.

Apesar de sempre buscar maneiras de preencher as lacunas de saberes quando o assunto é Guerra do Paraguai, Seila enfrenta dificuldades ao trabalhar com o conteúdo disponível nos livros didáticos. O capítulo sobre a Guerra do Paraguai, segundo ela, é pequeno e bem superficial, não abordando aspectos importantes que ajudam a entender mais dos indivíduos presentes e envolvidos no conflito, tão pouco sobre os impactos e como foi o seu desenrolar na região. "O livro didático oferece uma visão muito simplificada, e isso dificulta a construção de uma aula mais proveitosa para os alunos. O conteúdo é muito raso, e a parte da guerra é mínima", lamenta. Para contornar essa limitação, a professora recorre à internet e a outros recursos, buscando complementar as informações e levar aos alunos uma visão mais ampla do conflito. "Sempre faço uma pesquisa para ajudar no conteúdo da aula. Isso me permite trabalhar temas importantes que não estão nos livros, mas que fazem toda a diferença para que os alunos compreendam as repercussões da guerra na vida dos indivíduos presentes nesse contexto, e como ela impactou a formação do Brasil", pontuou a professora.

Além de utilizar outros recursos como forma de contribuir para o conteúdo em sala, a professora também busca fazer com que seus alunos se conectem com o tema da Guerra do Paraguai de maneira pessoal. Ela faz questão de destacar a relevância do tema para a história da comunidade indígena local, que tem uma forte relação com a história de resistência e as adversidades enfrentadas pelas populações da região durante o período da guerra. "Acredito que é importante trazer essa história para a realidade dos meus alunos. Eles precisam entender mais sobre o conflito que ocorreu em nossa região", ressaltou Seila. Nesse sentido, foi perguntado a ela um pouco mais sobre o que sabe a respeito da educação durante a Guerra, infelizmente não pode contribuir nesse sentido, pois muitos documentos se perderam e há grandes lacunas a respeito do tema.

A entrevista com a professora Seila revelou o quanto o ensino da História, especialmente de um tema complexo como a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, é um processo de adaptação constante, sendo necessário ter o domínio do conteúdo e também a habilidade de conectar o passado com a realidade dos alunos, os fazendo pensar nos sujeitos envolvidos. A vocação de Seila para o magistério, aliada à sua afinidade pela História, faz com que ela busque sempre novas maneiras de tornar o aprendizado mais significativo e enriquecedor, possibilitando aulas didáticas e proveitosas aos seus alunos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Guerra do Paraguai foi um conflito complexo que teve um profundo impacto na história e na geopolítica da América do Sul. Durante seis anos sangrentos, as nações envolvidas lutaram ferozmente por interesses territoriais, econômicos e políticos. O Paraguai, em particular, sofreu um custo humano e econômico devastador, com perdas irreparáveis de vidas e infraestrutura. Além disso, a Guerra do Paraguai teve implicações de longo prazo na região. A ascensão do Brasil como uma potência dominante na América do Sul, a fragilização do Paraguai como uma nação independente e as mudanças nas relações diplomáticas moldaram o curso da história sul-americana. As lições aprendidas com esse conflito são valiosas e continuam a ser relevantes para as questões contemporâneas de geopolítica e relações internacionais na América do Sul.

O presente trabalho realizado contribui para identificar indícios que auxiliam na contradição da ideia de que a população existente na província de Mato Grosso ficou completamente arrasada, destruída e desolada após a ocupação e tal conflito ocorrido com os Paraguaios.

São evidenciados aqui questões acerca da Educação no sul da província de Mato Grosso durante a Guerra e as respectivas dificuldades enfrentadas para a instalação da educação

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Laci Maria Araújo. **Breve ensaio sobre o processo de expansão escolar em Mato Grosso (1719-1946).** Coletâneas do Nosso Tempo, v. 1, n. 01, 2011.

BANDEIRA, L.A. O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata: da colonização à Guerra da Tríplice Aliança. 2a ed. São Paulo 1995.

BETHELL, Leslie. **O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai.** Estudos avançados, v. 9, p. 269-285, 1995.

CARVALHO, Alexandre Manoel Albino de. **Relatório do presidente da província de Mato Grosso, o brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho**, apresentado à Assembleia Legislativa Provincial na abertura da seção ordinária de 3 de maio de 1864, p.6.

CASTANHA, André Paulo. **Pedagogia da Moralidade: a ordem civilizatória imperial.** Artigos. Graf, FE: História, Educação e Sociedade no Brasil-HISTEDBR-Faculdade de Educação-UNICAMP, 2006.

CASTANHA, André Paulo. **Pedagogia da moralidade: o Estado e a organização da Instrução Pública na Província de Mato Grosso (1834-1873).** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1999.

DA SILVA XAVIER, Ana Paula; SÁ, Nicanor Palhares. **A escola normal de Mato Grosso no século XIX.** Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, 2008.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai.** 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras,2002.

MAESTRI, Mario José. **A invasão paraguaia no sul de Mato Grosso.** CONTRAPONTO: Revista do Departamento de história e do programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 2, n.2, ago. 2015.

MELLO, Raul Silveira de. **A protetora do forte Coimbra.** Rio de Janeiro, Imprensa do Exército, 1958, p.126.

POMER. L.: A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense. São Paulo, editora Global 1980.

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.** Escola Municipal Indígena Polo General Rondon, 2022.

SILVA, Marcos. **Educação escolar na época do império brasileiro.** História da Educação Brasileira. Aula, v. 6, p. 88-104, 2009.

SQUINELO. A; DOCKHORN. V. Oficina de história: Temas para o ensino da Guerra do Paraguai – sujeitos cotidiano Mato Grosso. 10 ed. Cuiabá, MT, 2021.

SQUINELO, Ana Paula. A Guerra do Paraguai, essa desconhecida--: ensino, memória e história de um conflito secular. Editora UCDB, 2003.

SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérri Roberto. A ocupação paraguaia em Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai. Revista Territórios e Fronteiras, v. 12, n. 2, 2019.

WHIGHAM, Thomas. La Campaña de Mato Grosso. In: La guerra de la Triple Alianza: causas e inicios del mayor conflito bélico de Américs del Sur. Vol. I. Assunción, Santillana, 2010. pp. 209-235.